

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O QUE QUERO VER
11 de março de 2022

WORKING GIRLS / 1986

(As Profissionais do Sonho)

um filme de Lizzie Borden

Realização: Lizzie Borden / **Argumento:** Lizzie Borden, Sandra Kay / **Fotografia:** Judy Irola / **Montagem:** Lizzie Borden / **Direcção Artística:** Leigh Kyle / **Música:** David Van Tieghem, Adèle Bertei / **Intérpretes:** Louise Smith (Molly), Deborah Banks (Diane), Liz Caldwell (Liz), Marusia Zach (Gina), Amanda Goodwin (Dawn), Boomer Tibbs (Bob), Eli Hasson (voz de Hasid), Tony Whiting (voz do cliente de Gina), Richard Davidson (Jerry), Ronald Willowghby (John), Paul Slimak (Jake), Fred Neumann ("Fred Fantasia"), Patiente Pierce (Kathy), Ellen McElduff (Lucy), Grant Wheaton (Robert), Richard Leacock (Joseph), Martin Haber (Don), Carla-Maria Sorey (Debbie), Michael Holland (Miles), etc.

Produção: Working Girls Company (Lizzie Borden, Andi Gladstone). A Lizzie Borden Alternate Current Production; assistência financeira do New York State Council on the Arts, National Endowment for the Arts, The Jerome Foundation / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, colorida, versão original legendada em português, 89 minutos / **Estreia em Portugal:** Batalha (Porto), 12 de Maio de 1988; em Lisboa, no Quarteto em 1988.

A determinada altura no filme de Lizzie Borden uma das "working girls" diz, referindo-se à razão porque ali se encontra: "Sexo e dinheiro. Só mais tarde percebi que andam ligados". É sobre esta relação que se desenrola **Working Girls**, a forma de usar o primeiro para ganhar o segundo, mas não na forma habitual do cinema comercial, que geralmente mostra um sistema de troca degradante ou sofisticado (as "hookers" de rua, por um lado, por outro as "companhias" alugadas por agências), mas sim como uma "relação de trabalho", de que o segundo aspecto está ausente e o primeiro é comum a qualquer outra degradação resultante da sobre-exploração do trabalho de alguém por outro. Molly, a personagem principal, sublinha bem esta faceta ao atirar à cara da "madame": "Já ouviu falar em mais-valia?", que esta, no fim de contas, conhece também (responde agressiva: "também sei alguma coisa") por ter sido uma delas antes de verificar que é mais lucrativo explorar o trabalho dos outros, abrindo o discreto bordel eufemisticamente chamado "agência de encontros". O filme de Lizzie Borden tem uma base predominantemente económica. É de "relações de trabalho" que trata, que podiam ter por cenário uma fábrica, uma loja, uma qualquer empresa em que homens e mulheres aluguem a sua força de trabalho. No caso das "working girls" é o sexo. Lizzie Borden constrói o seu filme de um ponto de vista quase documental, organizando-o como uma jornada de trabalho. O resultado é uma obra "desglamourizada" e a antítese da abordagem "clássica" do cinema de Hollywood, mesmo anti-erótica, porque as cenas presumivelmente mais "chocantes" incluem-se dentro de uma desgastante rotina, assumida numa base contratual: "alguém paga para receber alguma coisa feita com profissionalismo, mas sem afectividade".

Tudo decorre ao longo de um dia. A realizadora toma a personagem como testemunha e simultaneamente exemplo da forma como se processa a relação, e os agentes que nela intervêm: a "trabalhadora" (working), o cliente, a entidade "patronal" (alugadora de serviços), os expedientes que as primeiras usam para fintar a última a fim de tirarem algum proveito do trabalho, para além do que a "patroa" contratou com elas, a rotina do dia, com os seus momentos de quebra e os pequenos trabalhos rotineiros de limpeza, os intervalos (almoço que mesmo assim é interrompido por clientes que só dispõem dessa hora) e as jogadas e manobras da "patroa" a fim de tirar o máximo proveito das trabalhadoras mais eficientes: o caso de Molly que Lucy (Ellen McElduff), a "patroa", convence a fazer "horas extraordinárias" devido à ausência da rapariga do turno seguinte. Tudo está ali, monótona e monocordicamente, transmitindo a sensação de peso e opressão sentida noutros lugares por outros trabalhadores. O filme começa com uma imagem de Lucy na cama com a namorada, mas a sua relação lésbica não tem qualquer relação com o que a seguir vai decorrer. Aliás (sabe-lo-emos depois) a namorada não tem conhecimento do que Lucy faz naqueles períodos. Lucy é uma universitária e fotógrafa que utiliza aquele estratagema para ganhar dinheiro. O sexo com os homens não é feito, pois, numa base erótica, de busca de um prazer inacessível em casa (**Belle de Jour**) mas feito de uma forma mercantil. É por isso que uma das sequências finais não faça muito sentido a esta luz: quando ela guarda o cartão de um dos clientes que "a quer tirar daquela vida". Mas Lizzie Borden deixa, a seguir, a continuação em suspenso, dando à conclusão uma ambiguidade que permite supor a simples continuação daquela rotina, até Molly ter o dinheiro suficiente para se tornar independente (à saída o seu primeiro cuidado é depositar no banco automático os lucros do dia como qualquer comerciante).

Se a mulher é mostrada como uma trabalhadora sexualmente explorada, Lizzie Borden não cede à demagogia fácil de outras denúncias feministas de fazer do homem o "responsável" pela situação. Para ela, como atrás dissemos, trata-se do resultado de um sistema económico, que a superestrutura social, jurídica e cultural que nele se apoia alimenta e "justifica" (no fim de contas a chamada "mais velha profissão do mundo" nasce também com a divisão do trabalho que se verifica na transição do primitivo matriarcado para a sociedade patriarcal). O que não impede a realizadora de fazer do sexo masculino o "bombo da festa" através das manias e taras de alguns dos clientes. É neste ponto que o filme de Lizzie Borden mais fraqueja, pois acaba por cair naquilo que no resto consegue evitar, isto é, o lugar comum e a tendência dificilmente contida para o "moralismo". Neste ponto era necessário o humor subversivo de Buñuel em **Belle de Jour**, com um desfile de personagens semelhantes. Das "vítimas" de Lizzie Borden destaque-se a personagem de "Fantasy Fred", com a sua mania de possuir uma "cega" e devolver-lhe a vista! À margem de qualquer "explicação" psicanalítica, sublinhe-se a piscadela de olho cinéfila. Trata-se exactamente da situação central de um famoso filme (e grande êxito comercial) de David Miller realizado em 1957: **The Story of Esther Costello/A Virgem de Ouro**. Adaptado de um romance de Nicholas Monsarrat, e interpretado por Joan Crawford (não! não é ela a virgem!, e sim Heather Sears) e Rossano Brazzi, conta-nos a história de uma jovem que ficou cega, surda e muda (nem mais nem menos!) com o traumatismo provocado por um bombardeamento durante a guerra, e que recupera os sentidos (os três!) quando é violada pelo vilão (?) Brazzi.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico